

CRÍTICA TEATRO | CREDORES

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

A preservação da qualidade

O teatro estrutura-se na repetição e a manutenção de um grupo que não abre mão de depurar a cena, de apresentar à audiência com a melhor dramaturgia mundial, é um alento para os amantes dessa arte milenar. Há 46 anos o Grupo Tapa – de origem carioca, desde 1986 em São Paulo – investe no teatro de repertório contabilizando inúmeros espetáculos da maior relevância para a produção cultural brasileira. Enquanto companhias teatrais deterioram-se, o individualismo e a economia vem corroborando para montagens solo, focadas muitas vezes num valor autobiográfico, ou ainda com carpintarias dramáticas inócuas, o Tapa permanece na mesma linha criativa de sempre.

Capitaneado pelo diretor Eduardo Tolentino de Araújo, um dos melhores, fez do seu grupo um dos mais longevos coletivos teatrais do país, sedimentando-se pela confluência de autores como William Shakespeare, Anton Tchekhov, Bernard Shaw, Tennessee Williams, Oscar Wilde, Luigi Pirandello, Nel-

son Rodrigues, entre outros. Jamais esqueço a força cênica de “Rastro Atrás”, de Jorge Andrade, outra pérola do grupo.

August Strindberg, um dos precursores do teatro moderno mundial, impressiona com a atualidade de seu “Credores”, escrito no final do século XIX. Num embate entre um triângulo amoroso, o texto descava a discussão conjugal, os desejos reprimidos, o acerto de contas, a persuasão, a vingança. E a encenação de Tolentino abarca com fluidez toda a tensão psicológica, na qual o dramaturgo sueco esmerou-se. O diretor desenha com extrema limpeza, equaliza seu elenco, debruçando-se na palavra como força motriz do espetáculo, elucubra sua viagem cênica tomando liberdades em acrescentar novos espaços, uma música brasileira entoada pela atriz, cria uma quarta personagem, servindo-lhe como contrarregra e sedutor do papel feminino, além de desvelar o ato teatral aproximando o público com uma luz precisa – e delicada em outros momentos – do próprio grupo.

O impacto dialogal é fruto de

um elenco afinado. André Garolli passeia com sabedoria entre a indução de seu Gustavo enquanto finge ser amigo de Adolfo, ganhando ainda mais força ao deparar-se com sua ex-mulher. Bruno Barchesi conduz com sensibilidade a fragilidade de seu Adolfo, reverberando angústia. Sandra Corveloni imprime charme e elegância à sua Tekla, costurando com eficiência seu jogo com as personagens masculinas. E Felipe Souza possui uma corporalidade marcante, executando com rigor o que lhe foi atribuído.

Cenário, figurino e luz, do grupo, dialogam adequadamente. Com funcionalidade, módulos de madeira compõem uma sauna e espelhos são articulados de modo que atores sejam revelados por vários ângulos, além de desmistificar o realismo evidenciando a plateia, ampliando a teatralidade. Tolentino já havia usado esse recurso no seu “Vestido de Noiva”, de Nelson Rodrigues. Os figurinos, em tonalidade clara, contrapõem e refletem todo o balaio de sujeira que as personagens percorrem. “Credores” é mais um acerto do Tapa!



‘Credores’, de Strindberg, é mais um dos acertos do teatro de repertório do Grupo Tapa

SERVIÇO CREDORES

Teatro Poeira (Rua São João Batista, 104, Botafogo)
Até 8/3, de quinta a sábado (20h) e domingos (19h)
Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

NA RIBALTA POR AFFONSO NUNES

Bruna Zaccaro/Divulgação



Cuca ressignificada

O Teatro Futuros recebe até 29 de março o espetáculo transmídia “A Cuca”, de Renato Rocha. A montagem ressignifica a figura folclórica: longe da bruxa das cantigas de ninar e do Sítio do Pica Pau Amarelo, a Cuca é apresentada como entidade ancestral de culturas indígenas — guardiã da floresta e elo de transmissão de saber e memória entre gerações. A figura feminina, historicamente demonizada pela cultura ocidental, é reposicionada como elo entre tempos, mundos e linhagens, convocando o passado para imaginar futuros.

Victor Pollak/Divulgação



O sentido de viver

Com direção e atuação de Karen Coelho e Rodrigo Pandolfo, o espetáculo “Coyote”, do premiado autor escocês Eric Coble, fica em cartaz no Teatro Poeirinha até domingo (1). A peça acompanha dois vizinhos solitários em uma metrópole cujas vidas se transformam após a misteriosa aparição de um coio selvagem na escadaria do prédio onde vivem. A partir do encontro com o animal, a operária noturna Melinda e o jovem desempregado Tony tornam-se cúmplices numa experiência que os faz redescobrir o sentido de viver.

Marianne Chamarelli/Divulgação



Deu guerra na cabeça

O espetáculo “A Guerra dos Bichos” encerra temporada no Teatro Ruth de Souza neste domingo (1). Com dez atores e quatro músicos ao vivo, o Grupo Cabaré Incoerente revisita a história da contravenção carioca: o jogo do bicho nos anos 2000, as disputas sangrentas entre famílias tradicionais de bicheiros e a infiltração das milícias nas estruturas sociais da cidade. Humor ácido, dança, performance e cabaré se misturam numa comédia irreverente sobre poder, carnaval e violência — um retrato da tragédia cotidiana do Rio de Janeiro.